



O sentido de fenômeno e logos na concepção heideggeriana de fenomenologia

The sense of phenomenon and logos in the heideggerian
conception of phenomenology

Flávio de Oliveira Silva¹
Fernando Manoel Bispo dos Santos²

Resumo: Este artigo apresenta o conceito de fenomenologia a partir do sentido de fenômeno e *logos* abordado pelo filósofo alemão Martin Heidegger, na obra “Ser e tempo”, de 1927. O filósofo dedica o sétimo parágrafo da referida obra para destacar a fenomenologia como método e hermenêutica na condução de sua pesquisa sobre o sentido do ser. O artigo desenvolve ambas as noções que compõem o termo fenomenologia, fenômeno e *logos*, e pontua o resgate que o filósofo desenvolve em relação aos gregos antigos para pensar devidamente o termo fenomenologia, diferindo e distanciando-se dos conceitos tradicionais sobre esta questão.

Palavras-chave

Fenômeno. Logos. Fenomenologia. Heidegger. Ser e tempo.

Abstract: This article presents the concept of phenomenology from the sense of phenomenon and logos approached by the German philosopher Martin Heidegger, in the work “Being and Time” of 1927. The philosopher dedicates the seventh paragraph of work aforementioned to highlight phenomenology as a method and hermeneutics in conducting his research on the meaning of being. The article develops both notions that make up the term phenomenology: phenomenon and logos, and points out the recovery that the philosopher develops in relation to the ancient Greeks to properly think the term phenomenology, differing and distancing himself from traditional concepts on this issue.

Keywords

Phenomenon. Logos. Phenomenology. Heidegger. Being and Time.

¹ Professor adjunto da Universidade do Estado da Bahia. Doutor em Filosofia pelo Programa Integrado de Doutorado em Filosofia das Universidade Federais da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, com estágio doutoral na Università degli Studi di Padova (Itália).

² Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Brasileira. Especialista no Ensino de Filosofia para Ensino Médio pela Universidade Federal da Bahia. Membro do Grupo de Estudo em Metafísica, Ensino e Linguagem (UNEB). Email: bispofernando@hotmail.com

1. Introdução

Tradicionalmente, a filosofia tem por tarefa o conhecimento. Conhecer na perspectiva da tradição é acessar a essência das coisas ou, como afirma Aristóteles, “é conhecer a causa primeira de todas as coisas” (Metafísica, I, 983a, 25)³. Conhecer pela essência é determinar algo com foco no que pode ser reconhecido universalmente naquilo que lhe é fundamental, possibilitando nomeá-lo como sendo isto ou aquilo. O exercício da filosofia é a tentativa de tornar as coisas conhecidas em seu fundamento primeiro.

Martin Heidegger, filósofo renomado do século XX, sobretudo pela crítica que desenvolveu em relação à tradição filosófica, apresenta e elabora em seu tratado “Ser e tempo”, de 1927, a fenomenologia do ser humano e do mundo. Nessa obra o filósofo se coloca na tarefa de reconduzir devidamente a pesquisa sobre o ser, e, movido por esse objetivo, ressignifica o conceito de fenomenologia herdado de seu mestre Edmundo Husserl. O filósofo, a obra e a concepção temática têm suas projeções na contemporaneidade, desde os anos 1920 do século XX, com repercussão até os nossos dias, no entanto a pretensão de uma fenomenologia é antiga e remonta ao próprio surgimento da filosofia.

O século VI a.C., conhecido como o período dos pré-socráticos, marca o início da história do conhecimento filosófico no Ocidente. Começa aqui a ruptura com a tradição que explicava todas as coisas da natureza física a partir das representações místicas como fundamento e garantia de todos os saberes. O momento pré-socrático rompe com uma tradição que explicava o mundo ou natureza através do discurso mítico, apresentando os fenômenos como resultado dos desejos e ações dos deuses. Nesse período, os fenômenos da natureza passam a ser compreendidos a partir dos elementos da *physis*.⁴ Neste período, tem início a busca pelo saber na pergunta pelo princípio originário de todas as coisas, retirando a crença inquestionável nas ações dos deuses como causa primeira. Desde então, o fenômeno passa a pertencer à natureza. Inicia-se a investigação acerca do ser dos fenômenos por meio de justificativas que a razão possa apresentar.

Efetivamente, a filosofia tem início com Platão, na medida em que os filósofos buscaram apreender a essência dos entes, visando não apenas conhecer e explicar o princípio originário de todas as coisas, mas, sobretudo, resguardar uma compreensão de ser em contraposição aos entes. Desde então, a investigação acerca do ser dos fenômenos atravessa as gerações filosóficas, apresentando modos de pensar e acessar o ser das coisas.

³ A forma de citação segue a indicação universal para obras antigas. Para as citações das obras de Aristóteles, a seguinte convenção: referência às páginas e subdivisões da obra de Aristóteles Ópera, preparada por Immanuel Bekker. (*Aristotelis Opera edidit Academia Regia Borussica*, Berlin, 1831-1870).

⁴ Termo grego, *physis* é propriamente ação de *phyesthai* (brotar, nascer, transformar-se e perecer). Não se resume apenas ao entendimento moderno de natureza.

Heidegger é o filósofo da contemporaneidade que retoma a discussão da filosofia e questiona o seu formato tradicional. Ele se propõe a repetir a questão do ser, na tentativa de dar a conhecer o que, segundo ele, ficou relegado ao esquecimento desde a Antiguidade: o sentido do ser. Na contemporaneidade, a filosofia, resistindo e persistindo como metafísica,⁵ toma, a partir de Heidegger, um novo viés. O filósofo radicaliza, vai até a raiz do questionamento quanto ao sentido⁶ do ser e nos dá a conhecer uma nova concepção de ser humano, mundo e existência, na medida em que tem como foco tratar a questão do ser, esclarecendo e dando a conhecer o que ficou velado na história da filosofia. Acerca do método desenvolvido por Heidegger em “Ser e tempo”, Stein afirma:

Em “Ser e tempo” se concentrou um conjunto de questões, um método, um estilo de argumentação, um modo de resolver problemas, uma crítica a estilos de filosofar concorrenciais, que podem ser apresentados como características de paradigma filosófico com contornos bastante definidos e independentes.⁷

Na medida em que a fenomenologia se apresenta em Heidegger como um modo novo e singular de fazer filosofia, se configura também uma crítica ao modelo tradicional de se fazer filosofia. A questão sobre o sentido do ser é a questão central da obra “Ser e tempo”, pois, para Heidegger, a questão do ser caiu no esquecimento. Esse filósofo desenvolve a investigação do sentido do ser, tomando como base a pretensão inicial da fenomenologia de Husserl, mas ressignificando-a, de modo a podermos nos referir a uma fenomenologia heideggeriana que se constitui como método para dizer o que as coisas são em si mesmas.⁸

Newton Aquiles, em seu artigo “A fenomenologia como retorno à ontologia”,⁹ entende a elaboração de uma ontologia fenomenológica como uma possibilidade inscrita no próprio projeto husserliano, e faz a seguinte observação acerca do papel da fenomenologia empregada por Heidegger: “(...) foi sobretudo no domínio da questão ontológica que se procurou adotar as diretrizes metodológicas da fenomenologia, numa nova tentativa de leitura do ser” (AQUILES, 2011, p. 85). Ou seja, a fenomenologia, como via de acesso ao sentido do ser, assume a função metodológica na investigação.

⁵ Metafísica vem de uma expressão grega que significa “as coisas depois (*meta*) da física”, atribuída pelos editores dos textos de Aristóteles para localizar o lugar da obra “primeira filosofia” em relação às demais. O “meta” em “metafísica” significava originalmente “depois”, argumenta Heidegger, mas logo passou a significar “através de”, “além”, “ultra”. Por isso, “metafísica” passou a significar “ir além das coisas físicas, isto é, naturais, i.e., dos entes”. Ou seja, deixa de ser uma referência de localização e passa a ser um conceito.

⁶ Sentido é o domínio de abertura ou clareira, apenas no seio do qual é possível qualquer entendimento, qualquer projeto (PASQUA, 1993, p. 9). Sentido é o que nos permite a compreensão de algo como isto ou aquilo.

⁷ STEIN, 2014, p. 10.

⁸ Buscar os fenômenos em si mesmos, em Heidegger, significa o fenômeno se mostrar em sua autenticidade, livre de pressupostos.

⁹ Ontologia é a parte da metafísica que trata da natureza, realidade e existência dos entes. A ontologia trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres objeto de seu estudo.

Fenomenologia significa “voltar às coisas elas mesmas”, conceito herdado inicialmente do professor e mentor de Heidegger, Edmund Husserl. Contudo, a fenomenologia em Heidegger ganha contornos próprios, como afirma Stein:

No que se refere à fenomenologia, seu método é assumido em “Ser e tempo”, e o livro é dedicado a Husserl. E, contudo, na obra se apresenta uma ruptura com Husserl, uma ruptura com a fenomenologia e com todo o programa da fenomenologia.¹⁰

Embora Husserl advogue a pesquisa fenomenológica em favor da suspensão de pressupostos como critério básico da fenomenologia, ele não abandona, no entanto, a idéia de uma consciência existente na explicação de sua fenomenologia.

Dois elementos foram centrais no processo de gênese da fenomenologia: a concepção de método e a noção de intencionalidade. Husserl (1859-1938) inicia esclarecendo que é com atitude fenomenológica, por meio da suspensão das hipostasias, que pretende alcançar aquilo que subjaz a determinação das coisas. Refere-se à hipostasia realista como um modo de pensar as estruturas como reais e que possuem determinações que podem ser alcançadas pelo método, e à hipostasia idealista como sendo atitude em que se acredita que a determinação das coisas se encontra na interioridade do sujeito que conhece.¹¹

Heidegger consegue aplicar o rigor fenomenológico que Husserl idealizou e se esforçou em defender. Na diferença em relação ao seu mestre, ele radicaliza no abandono de pressupostos existentes, isto inclui o abandono da pressuposição de uma consciência pré-concebida. O que vem a ser apreendido na filosofia de Heidegger se constitui unicamente como resultado do mostrar-se fenomenológico.

A fenomenologia é utilizada por Heidegger para acessar o ser dos fenômenos, já que Heidegger concebe que todo ser é do ente e, por essa razão, o ente está sempre nessa relação direta com o ser. Sua pretensão é acessar o ser das coisas em sua autenticidade. Visa a alcançar o fenômeno em sua verdade, isto é, a partir de si mesmo, para além da aparência e manifestação. Conforme o filósofo, a fenomenologia vai ao encontro do fenômeno em si mesmo.

O ser é sempre de um ente; ser é aquilo por trás do qual não há nada, e por isto se diz que ele é o último fundamento. Reside no ser o que define a coisa como coisa. Heidegger intenta acessar o ser dos fenômenos por meio daquilo que se mostra. Pode-se dizer que o ser é o acontecimento em cuja vigência se dá o binômio velamento-desvelamento.¹² Esse é um atributo do ser: se ocultar e se revelar no ente. Quando o ser se oculta, o ente se manifesta. Por essa razão, o caminho para acessar o ser de um ente é através daquilo que se mostra quando ele se esconde: o ente.

¹⁰ STEIN, 2014, p. 12.

¹¹ FEIJOO; MATTAR, 2014.

¹² Desvelamento significa a ideia segundo a qual o ser da coisa se desvela, manifesta-se nas condições mesmas de seu aparecer, de seu fenômeno.

Sendo o ser sempre de um ente, dentre todos os entes, há um em especial que possui o privilégio de perguntar pelo ser dos entes e pelo seu ser próprio, pois é da sua estrutura o questionar sobre o sentido do ser. Este ente privilegiado é o *Dasein*¹³, que vai se constituir para Heidegger como chave para acessar o ser e, a partir daí, poder indagá-lo sobre seu sentido. O ente humano é o único que compreende ser, o único que pode afirmar que o ser é cada vez “meu”. O ser humano é o único ente que tem compreensão de sua existência, ele é o único ente que se compreende envolvido em uma relação com os outros entes, por isso, é o único ente que existe, enquanto os outros entes são.¹⁴ Essas determinações conceituais são importantes na leitura de Heidegger, para demarcar quando ele faz referência ao ente *Dasein* e quando faz referência aos demais entes. Os outros entes, à diferença do *Dasein*, não têm a possibilidade de compreender o seu entorno, nem de se compreender como ser.

Heidegger intenta realizar sua tarefa por meio da investigação desse ente privilegiado. O filósofo empreende uma análise do ser humano em sua cotidianidade, a fim de vislumbrar as estruturas ônticas¹⁵ e ontológicas capazes de apontar em direção ao sentido do ser, na medida em que esse ser humano em seu ser, isto é, enquanto *Dasein*, é e está desde sempre em relação constitutiva com o ser. É através da interpretação do ente privilegiado na sua lida com os outros entes, em cada ocasião, isto é, em sua facticidade¹⁶, que Heidegger vislumbra compreender o sentido do ser. A fenomenologia se apresenta para Heidegger como o método para encontrar o ente que se mostra em sua autenticidade, ou seja, em si mesmo. O filósofo visa, por meio da hermenêutica¹⁷, trazer à luz a compreensão do sentido do ser na interpretação do ente privilegiado em sua facticidade.

Desta forma, a obra “Ser e tempo” foi elaborada com a tarefa de estabelecer a ontologia fundamental em substituição à ontologia tradicional, e, para esse intento, Heidegger se utilizará da fenomenologia como método e hermenêutica, daí afirmar: “A

¹³ *Dasein* é um termo em alemão que significa, literalmente, *ser-aí* – em textos filosóficos do português brasileiro, é geralmente traduzido por “pre-sença”, “ser-aí” e “existência”. No entanto, não é sinônimo de existência e nem de ser humano no sentido tradicional. É uma referência ao ser do ente humano. Significa o modo de ser do ente humano em sua lida diária, compreendido a partir da sua existência, isto é, a partir da sua possibilidade de ser. Existir é escolher esta ou aquela possibilidade de ser.

¹⁴ Heidegger diferencia o *Dasein* dos outros entes e, por isso, afirma que apenas o *Dasein* existe, é existência, enquanto que os outros entes são, no sentido de isto ou aquilo. O *Dasein*, por sua vez, não se limita a um isto ou aquilo, ele ultrapassa as tentativas de delimitação do seu ser.

¹⁵ Dentre todos os entes, o único que existe é o *Dasein*. *Dasein* se apresenta para Heidegger como o ente que responde à questão do sentido do ser, porque é o único que, na sua estrutura, possui uma pre-compreensão do seu ser e compreende ainda o ser dos outros entes. Quando ele está na dimensão investigativa ou reflexiva do seu ser, a dimensão é ontológica. Quando está no envolvimento e na relação com os outros entes, sobressai-se a dimensão ôntica. O único ente que possui as dimensões ôntica e ontológica em sua estrutura é o *Dasein*.

¹⁶ “Facticidade” é o dia-a-dia vivido, é a cotidianidade com seus fatos vivenciados por cada um de nós, a todo instante e em todas ocasiões.

¹⁷ “Hermenêutica” em Heidegger tem a tarefa de estabelecer a compreensão do que é comunicado, revelado pelo *logos*.

fenomenologia é a via de acesso e o modo de verificação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. A ontologia só é possível como fenomenologia (HEIDEGGER, 1988, p. 66).

Segundo ele, a ontologia só é possível pela via fenomenológica, ou seja, só é possível fazer ontologia voltando às coisas elas mesmas, e isso é fenomenologia. Assim, a obra “Ser e tempo”, em seu desenvolvimento, se apresenta como exercício dessa fenomenologia.

No desenvolvimento do conceito de fenômeno, Heidegger apresenta três modos do fenômeno se mostrar: o fenômeno em si mesmo, o fenômeno em sua aparência e o fenômeno em sua anunciação. Por essa razão, o filósofo adverte para a possibilidade de se estabelecer confusão ao determinar o fenômeno no seu sentido inautêntico, isto é, na anunciação ou na aparência. O sentido inautêntico é quando o mostrar-se do fenômeno não revela o como ele é em si mesmo. Nesse modo, ele se mostra disfarçado sem revelar o que realmente é. O mostrar-se do fenômeno como ele é em si mesmo é o que interessa à fenomenologia, pois esse é o caminho em direção ao sentido do ser.

Heidegger busca o fenômeno se mostrando em si mesmo, isto é, o fenômeno no seu sentido fenomenológico. Ele atenta para o fato de as variações do fenômeno se apresentarem deixando no velamento o que importa considerar como cerne do fenômeno, ou seja, o fenômeno naquilo que ele é. Por exemplo, Heidegger tipifica o modo imediato do fenômeno se apresentar como anunciação, mas essa anunciação não é ainda o que o fenômeno é em si mesmo. Por isso, a anunciação é um modo do fenômeno se mostrar em sua inautenticidade. Tomar a anunciação pelo fenômeno, é empregar inadequadamente o método.

Quanto ao segundo termo, *logos*, que compõe a palavra fenomenologia, o filósofo recupera um sentido há muito esquecido ou tomado por secundário, qual seja, o sentido de *logos* como discurso, e o apresenta como o sentido primordial de onde se originaram as demais interpretações na história da filosofia.

2. O conceito de fenomenologia a partir da junção fenômeno e *logos*

O termo *fenomenologia* etimologicamente significa ciência ou teoria dos fenômenos, e, apesar de ser um termo que pertence ao campo filosófico, é bastante utilizado também em outras áreas de conhecimento não filosóficas. Isto porque, como tudo que aparece é fenômeno, o domínio da fenomenologia é praticamente ilimitado e, por essa razão, não se poderia confiná-la numa área específica, daí que “(...) qualquer um que trate da maneira de aparecer do que quer que seja, qualquer um, por conseguinte, que descreva aparência ou aparições, faz fenomenologia, de modo que poderia levar o título de fenomenólogo” (DARTIGUES, 2005, p. 9).

Contudo, a história do termo pode ser mais esclarecedora ao se admitir que a fenomenologia representa um movimento importante da história da filosofia, mais

precisamente quando se busca um novo método de conhecer as coisas verdadeiramente, isto é, conhecer as coisas na sua universalidade. Segundo André Dartigues (2005), na área da filosofia, antes de Husserl, Lambert, discípulo livre de Christian Wolff, utilizou a palavra, no século XVIII, na quarta parte do *Neues Organon* (1764), que intitulou “Fenomenologia ou teoria da aparência ilusória e suas variedades”, para fundamentar o saber empírico.

Ainda segundo Dartigues, é talvez sob a influência de Lambert que Kant retoma, por sua vez, o termo: ele o utiliza, em todo caso, em 1770 numa carta a Lambert onde menciona a *phaenomenologia generalis* e designa a disciplina propedêutica que deve, segundo ele, preceder a metafísica. Utiliza-o de novo na célebre “Carta a Marcus Herz” de 21 de fevereiro de 1772, na qual Kant anuncia seu propósito de escrever uma obra sobre os limites da razão e da sensibilidade.

Ainda segundo André Dartigues (2005), Kant pretendia escrever uma fenomenologia geral como propedêutica à metafísica, mostrando os limites entre o mundo sensível e o mundo inteligível, propósito que realiza na estética transcendental da “Crítica da razão pura” (1781). Hegel (1770-1831), na sua obra “Fenomenologia do espírito” (1807), define a fenomenologia como o saber da experiência que faz a consciência. O sentido elaborado por Husserl, desde a “Logische Untersuchungen” (1900/1901) e trabalhos posteriores, trata do “fenômeno” como o que intencionalmente está presente à consciência, sendo para esta uma significação. Ao conjunto das significações, chama de mundo.

Desta forma, podemos constatar que a fenomenologia que surge na filosofia a partir do século XVIII com Lambert, indo até Husserl – este último considerado o pai da fenomenologia –, passou por modificações em sua estrutura ou no seu modo de ser. Husserl apresenta uma fenomenologia mais elaborada, que conduz o pensamento filosófico até que seu discípulo, Heidegger, tendo por lastro a fenomenologia husserliana, apresenta uma fenomenologia própria.

A construção do olhar fenomenológico heideggeriano é apresentada a seguir, e, na medida em que vão se formatando as diferenças entre Heidegger e seu mentor, surge mais uma variação desse método tão importante para a filosofia. A fenomenologia é também, para Heidegger, “voltar às coisas elas mesmas”, ou seja, para Heidegger, conhecer algo verdadeiramente só é possível na medida em que esse algo se dá a conhecer a partir de si mesmo. Com esta afirmação, o filósofo expulsa do ambiente de investigação a assunção de pressupostos na investigação do fenômeno. Conforme o filósofo, apenas assim o fenômeno se mostra em sua verdade. A tarefa da fenomenologia é conhecer as coisas em sua essência, isto é, em sua verdade.

Para que a fenomenologia heideggeriana cumpra o seu papel, Heidegger estabelece, à primeira vista, a diferença ontológica entre ser e ente, e, ao fazer isso, pretende pôr fim à confusão por parte da tradição, que toma o ser pelo ente. Embora Heidegger acuse a

tradição de ter esquecido o ser em favor do ente, é a questão do ser que atravessa a história da filosofia.

Conforme Heidegger, a questão sobre o ser está longe de ser concluída, apesar de a tradição ter dado a questão como finda. Heidegger inicia “Ser e tempo” problematizando os conceitos sobre o ser apresentados pela tradição, chamando-os de preconceitos: ser é o conceito mais universal, ser é indefinível e ser é evidente. Ainda segundo ele, a questão do ser é complexa, indevidamente tematizada e requer a repetição da questão. Acerca da diferença entre ser e ente, afirma o filósofo:

Chamamos de “ente” muitas coisas e em sentidos diversos. Ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade, no ser simplesmente dado (*vorhandenheit*), no teor e recursos, no valor e validade, na pre-sença, no “há”.¹⁸

Para Heidegger, apreender o ser quanto ao seu sentido é a chave para alcançar devidamente a questão do ser, à diferença da tradição, que teria ficado em volta do ser, em volta da questão, sem conseguir se voltar para o núcleo da questão. Estabelecer essa diferença permitiu a Heidegger caminhar em direção ao cerne da questão e colocá-la adequadamente.

A fenomenologia é o que possibilita acessar o ser que se vela no ente. Ousamos dizer que o ser é o único pressuposto do qual parte o filósofo, reafirmando, junto à tradição, que todo ser é do ente, que o ser pertence ao ente e o ente constitui ser. Todavia, esse ser inquestionável é o que se oculta no mostrar-se do fenômeno em sua aparência e anúncio. A fenomenologia irá possibilitar acessar o ser que se vela, que se esconde no ente. É através do ente que Heidegger vislumbra alcançar o ser das coisas, mas não de qualquer ente, e sim do único que tem uma relação assumida e requerida com o ser.

O objetivo que Heidegger deseja atingir ao esclarecer a sua concepção de fenomenologia, é explicitar o que, originalmente, está em jogo ao se abordar fenômeno e *logos*. Mas, então, o que vem a ser primeiramente fenômeno para Heidegger? Esse conceito é apresentado em “Ser e tempo”, no parágrafo 7.

2.1 Fenômeno

Ordinariamente, fenômeno é tudo aquilo que se mostra, tudo aquilo que aparece para a percepção. Todavia, nem tudo que se mostra é realmente o núcleo, a essência, aquilo que de fato o fenômeno é. Via de regra, somos enganados pelo que se apresenta a nós, nos conduzindo a tomar o falso por verdadeiro. Heidegger afirma que esses enganos somente poderão ser evitados quando se tem compreendido o conceito de fenômeno naquilo que é fundamental. Para discorrer sobre esse ponto, o filósofo se utiliza do

¹⁸ HEIDEGGER, 1988, p. 32.

pensamento grego antigo, ao ver nele a possibilidade de tratar, na origem, tópicos importantes, como signo e significado vigentes no fenômeno.

Como então Heidegger concebe o fenômeno, tendo como base sua interpelação aos gregos? Inicialmente, Heidegger apreende o conceito de fenômeno na expressão grega, *phainomenon* (φαινόμενον). Esta palavra deriva do verbo *phainestai* (φαινέσθαι) que se refere àquilo que se mostra, e, por isso, *phainomenon* (φαινόμενον) diz o que se mostra, o que se revela. Já em si mesmo, porém, *phainestai* (φαινέσθαι) é a forma média de *phaino* (φαινώ) – trazer para a luz do dia, pôr no claro. *Phaino* (φαινώ) pertence à raiz *pha* (Φα-) como, por exemplo, *phos* (φως), a luz, a claridade, isto é, o elemento, o meio em que alguma coisa pode vir a se revelar e a se tornar visível em si mesma (HEIDEGGER, 1988, p. 58). É desse modo que ele destaca a propriedade dos fenômenos de poderem se revelar e se tornarem visíveis em si mesmos. Essa propriedade é constitutiva dos fenômenos: o poder de se revelar e se tornar visível em si mesmo.

Assim, Heidegger enfatiza como conceito de fenômeno – “o que se revela”, *o que se mostra em si mesmo*. Verifica-se, já no conceito do termo “fenômeno”, o enfático emprego do rigor na reivindicação de ausência de pressuposto. Embora Husserl, antes de Heidegger, tenha igualmente concebido a fenomenologia como o voltar-se ao que se mostra em si mesmo, reivindicando ausência de pressuposto, partiu, no entanto, da ideia de uma consciência existente. Este pressuposto husserliano inviabilizou que, de fato, o fenômeno pudesse se mostrar a partir de si mesmo. A não assunção desse pressuposto por parte de Heidegger caracteriza o modo fenomenológico de Heidegger, à diferença do seu mentor Husserl.

Os fenômenos constituem, pois, a totalidade do que está à luz do dia ou se pode pôr à luz, os gregos identificavam, algumas vezes, simplesmente com “os entes”, a totalidade de tudo que é [...]. Terminologicamente, reservamos a palavra fenômeno para designar o significado positivo e originário de fenômeno e distinguimos fenômeno de aparecer, parecer e aparência, entendidos como uma modificação privativa de fenômeno.¹⁹

Fenômeno é tudo que se mostra, mas nem tudo que se mostra expressa a verdade do fenômeno, ou seja, nem tudo que se mostra revela o que determina o seu ser. Conforme Heidegger, o fenômeno pode também se mostrar dissimulado, isto é, se fazendo ver como sendo exatamente o que se mostra, mas que, na realidade, ele não é assim como se dá. Ao se mostrar dissimulado, o fenômeno é interpretado e concebido numa dimensão diferente do que realmente é. Neste caso, o que se mostra não é o fenômeno em seu sentido positivo, mas o fenômeno encoberto por entulho, o mostrar-se inautêntico. Nesta forma de se mostrar, o ente oculta sempre alguma coisa. Esse modo de se mostrar do fenômeno como algo que verdadeiramente ele não é, é próprio da estrutura do ente. O mostrar-se do ente como ente é já uma ocultação do seu ser.

¹⁹ Ibidem, p. 58.

Esse modo de se mostrar do fenômeno não foi apreendido pela tradição filosófica que, apesar de aplicar sua análise de modo rigoroso, concebeu que aquilo que se mostra é sempre realmente a verdade do fenômeno em si.

Conforme Heidegger, os antigos gregos tinham noção da dissimulação própria dos entes. A busca pelo princípio de todas as coisas é um bom exemplo dessa dissimulação dos entes, no entanto, seguiu-se um esquecimento desse *insight*, levando ao esquecimento do ser em favor do ente. Por consequência, a tradição filosófica se caracteriza como uma ontologia do ente.

Ora, o ente pode-se mostrar por si mesmo de várias maneiras, segundo sua via e modo de acesso. Há até a possibilidade de o ente se mostrar como aquilo que, em si mesmo, ele não é. Neste modo de mostrar-se, o ente “se faz ver assim como...” Chamamos de aparecer, parecer e aparência a esse modo de mostrar-se.²⁰ (Ibidem, p. 58).

Surge então uma aparente confusão, ao se dizer que é, pois, da estrutura do fenômeno dissimular-se, mas também o mostrar em si mesmo. A pergunta que se faz, é: como saber se estamos diante do fenômeno no seu sentido positivo, isto é, em si mesmo, ou se estamos diante da aparência? Segundo Heidegger, é preciso primeiramente compreender que há múltiplas possibilidades do fenômeno se apresentar, para então empreender a pesquisa com vistas a caracterizar os possíveis sentidos de fenômeno vigentes na temática em questão: fenômeno como o que se mostra, e fenômeno como aparecer, parecer e aparência, reciprocamente inter-relacionados em sua estrutura.

Somente na medida em que algo pretende mostrar-se em seu sentido, isto é, algo pretende ser fenômeno, é que pode mostrar-se como algo que ele mesmo não é, *pode apenas se fazer ver como*.²¹

Este mostrar-se como o que não é, este é o modo do ente se mostrar no ocultamento do ser. Tanto o se mostrar do ser em seu ocultamento como o se mostrar do ente como isto ou aquilo são formas de manifestação do ser. O mostrar-se em ocultamento concede ao fenômeno um mostrar-se desfigurado, disfarçado, velando o que se mostra.

Para Critelli, o ocultamento do ser dos entes se configurou como o motivo pelo qual a tradição metafísica equivocou-se ao tratar a questão do ser.

A condição de ocultar, que têm as aparições, foi tida pela metafísica como algo que atrapalha, que impede o aparecimento pleno do ente. Portanto, foi considerada como sede do erro, do desvio, e que precisa ser eliminada para que a coisa possa mostrar-se.²² (CRITELLI, 1996, p. 56).

Critelli faz o seguinte comentário sobre essas características que pertencem à estrutura do fenômeno de poder se mostrar das diferentes maneiras: se mostra como o que é e como o que não é.

²⁰ Ibidem, p. 58.

²¹ Ibidem, p. 58.

²² CRITELLI, 1996, p. 56.

Uma ameixeira, por exemplo, jamais deixa de ser uma ameixeira (sua identidade, seu ser do ponto de vista da metafísica), mas o que e como ela é (do ponto de vista fenomenológico) estão dependendo do jogo do mostrar-se para um olhar-no-mundo. Um homem cansado descobre a ameixeira na sua possibilidade de um lugar de descanso; o madeireiro vê nela a madeira, o material para seu trabalho; uma doceira vê na ameixeira uma fonte quicá inesgotável para seus doces e alimentação. Ora, a mesma ameixeira para cada um destes homens é uma coisa diferente. Se quiser fazer recair seu ser no seu conceito essencial, dizendo que ela é uma árvore, da família das..., que dá fruto “x”, etc., estar-se-á lidando apenas com seu conceito mais formal, universal e genérico (o de um sujeito/substantivo com seus predicados). Mas, se a ameixeira nos mostrar seu ser no horizonte existencial, tendo o ser-no-mundo como seu lugar originário de manifestação, veremos que o ser, seu ser, varia incessantemente. A coisa mostra-se no horizonte existencial; só ali ela pode ser o que ela é.²³

Percebemos, então, que dizer o que a coisa é, não é lhe conferir um determinado conceito que lhe atribui algum tipo de universalidade, mas, percebê-la inserida num horizonte de possibilidade, ser-no-mundo, lugar onde se dá a compreensão, lugar onde o fenômeno se mostra e é compreendido hermeneuticamente. Heidegger identifica três modos do fenômeno se mostrar (aparecer, parecer e aparência) em ocultamento.

Ao identificar o ocultamento como modo de manifestação do ente, Heidegger mostra o equívoco da tradição filosófica: conceber o ser do ente no aparecer, parecer e aparência, resultando assim na entificação do ser. É precisamente esse erro que Heidegger evita, pois persegue a manifestação do ente que se mostra como ele mesmo é: o ente em si mesmo.

Para se ter uma compreensão acerca deste modo desfigurado de fenômeno, o ditado popular que diz “nem tudo o que parece, é”, resume de maneira simples o que Heidegger toma por anunciação. Este é o aspecto negativo do fenômeno, pois, na anunciação, não acontece o mostrar-se do fenômeno. O que de fato ocorre é uma anunciação e não um mostrar-se do fenômeno em si mesmo.

Alexandre Barbosa, em sua dissertação de mestrado, traz um exemplo que facilita a compreensão do aspecto negativo do fenômeno, o fenômeno como ocultamento.

A febre (aparência *Phanomen*) manifesta (*Schein*) a doença que por meio dela se anuncia (*Erscheinung*). Por mais que se mostre no fenômeno da febre, a doença ainda está oculta, somente deixando vestígios pelos diversos sintomas possíveis. Por sua vez, a febre como produção do que não pode se mostrar e como impossibilidade de ser o que nela se esconde, seria o aparecimento como “mero fenômeno” (*blosser Erscheinung*).²⁴

Ao ampliar o conceito de fenômeno, Heidegger abre possibilidade de distinção entre conceito fenomenológico e conceito vulgar de fenômeno. O primeiro conceito dá prosseguimento à investigação do sentido do Ser, enquanto que o segundo, ele limita a investigação ao plano ôntico, ou seja, à dimensão da manifestação, e do que aparece do fenômeno. Realizar investigação no plano ôntico é se limitar a questionar o fenômeno na dimensão do ente, sem se ater à questão propriamente dita.

²³ Ibidem, p. 56.

²⁴ BARBOSA, 2018, p. 32.

Mas se, por aquilo que se mostra, compreende-se o ente, que no sentido de Kant se torna acessível na intuição empírica, então logra-se usar devidamente o conceito formal de fenômeno. Nesta utilização, o fenômeno satisfaz o significado do conceito vulgar de fenômeno.²⁵

O método fenomenológico em Heidegger deve permitir buscar no ente aquilo que, na maioria das vezes, permanece oculto, devendo explicitar a diferença entre ser e ente. Assim, diz Heidegger:

Perceber o sentido do conceito formal de fenômeno e de seu uso devido na acepção vulgar é uma pressuposição indispensável para se compreender o conceito fenomenológico de fenômeno, prescindindo de como se deva determinar mais precisamente o que se mostra.²⁶

A fenomenologia é compreendida por Heidegger como sendo esse meio pelo qual o fenômeno é obrigado a se mostrar em sua autenticidade. Ao se mostrar desse modo, no seu ser, apresenta-se o ser que é sempre do ente.

Desta forma, convém atentar para o conceito de fenômeno vislumbrando a *diferença* entre os seus sentidos fenomenológicos: positivo e negativo. Conforme visto, o fenômeno em sentido positivo expressa o mostrar-se do Ser em si mesmo, na diferença à manifestação em sentido negativo. Neste último, dá-se o mostrar-se naquilo que o Ser mesmo não é, limitando-se a um anunciar de algo que está oculto.

2.2. O conceito de *logos*

Heidegger reconhece a dificuldade para conceituar o termo *logos*, por ser polissêmico em Platão e Aristóteles, de tal modo que seu significado tende a se dispersar, mas essa dificuldade aparente é resolvida, segundo Heidegger, recorrendo-se ao sentido primordial de *logos*.

Heidegger toma por discurso o sentido primordial²⁷ de *logos*, mas essa tradução literal só terá valor completo apenas se definir o que é um discurso, pois a história posterior ao significado de *logos* encobriu o seu sentido primordial.

A história posterior do significado da palavra *logos* e, sobretudo, as interpretações diversas e arbitrárias da filosofia posterior encobrem o sentido próprio de discurso, que é bastante claro. Essas filosofias posteriores “traduzem” *Logos* por razão, juízo, conceito, definição, fundamento, relação, proporção.²⁸

²⁵ HEIDEGGER, 1988, p. 61.

²⁶ *Ibidem*, 1988, p. 63.

²⁷ Heidegger resgata um sentido para *logos* que é basilar para todos os outros sentidos do termo, pois, antes do termo significar: razão, proporção, juízo, etc., ele vai dizer que *lógos* é um revelar, comunicar sobre algo. O *lógos* é primeiramente um dizer sobre algo. Esse é o sentido primordial do termo para Heidegger.

²⁸ *Ibidem*, p. 62.

Heidegger questiona como pode o discurso se modificar tanto, ao ponto de *logos* significar tudo isso. Nem mesmo como juízo se deve conceber o sentido de *logos*, pois deixa de fora o significado básico, principalmente quando se concebe juízo no sentido de alguma “teoria do Juízo”. Desse modo, reafirma dizendo: “Em todo caso, *logos* não diz, ou não diz primeiramente, juízo, caso se entenda por juízo uma ‘ligação’, um ‘posicionamento’ (aceitar-rejeitar)” (Ibidem, p. 62).

Ele toma *logos* como discurso e diz: “*Logos* que revela aquilo de que trata o discurso” (HEIDEGGER, 1988, pg 63.), e interpreta de Aristóteles esta função do discurso, por ser ele, Aristóteles, o filósofo que melhor explicitou-o como *apophainestai*, ou seja, para Heidegger, *logos* é *apophainestai*. O sufixo “apo” atribui ao discurso (*logos*) a qualidade de “deixar e fazer ver” a partir daquilo que se mostra, ou seja, o fenômeno. Este é o significado de *apophainestai*.

O *logos*, deixa e faz ver aquilo sobre o que se discorre e o faz para *quem* discorre (médium) e para todos aqueles que discursam uns com os outros. O discurso “deixa e faz ver” (...) a partir daquilo sobre o que discorre.²⁹

Neste sentido, Heidegger deixa evidente que aquilo que determina o *logos* é o fazer-ver e não o ligar entre coisas, entre o sujeito e o objeto. Por exemplo, se o professor perguntasse para o aluno qual é a cor do livro que está sobre sua mesa, o aluno primeiro irá verificar se o livro estava realmente sobre a mesa dele, depois lhe diria qual a cor do livro. Observemos que o aluno, primeiro, liga o objeto livro ao objeto mesa e vai seguindo sua análise, validando ou não, até chegar à conclusão. Para Heidegger, antes de o aluno fazer algum tipo de juízo de valor, ele verifica a mesa e o livro, ou seja, primeiro ele vê, depois racionaliza.

Heidegger toma por “discurso autêntico” aquele que retira o que diz sobre o que discorre, de tal maneira que, em seu discurso, revele e torne acessível aos outros aquilo sobre que discorre. Esta é a estrutura do *logos* como *aphofainestai*. Ele chama atenção para as exceções na aplicação do conceito: “Nem todo discurso, porém, possui este modo próprio de revelação no sentido de deixar e fazer ver, demonstrando. Um pedido, por exemplo, também revela, embora de outro modo” (HEIDEGGER, 1988, p. 63).

Outro exemplo: “Joãozinho diz para sua professora: Professora, me esqueci do lápis. Me dá um lápis”. Embora estejamos diante de um discurso, o caráter de *aphofainestai*, deixar e fazer ver, não se estabelece. O que se tira do discurso é que o menino está pedindo um lápis a sua professora, pois esqueceu o dele. Na prática, discurso nada mais é do que fonema, isto é, tem um caráter de articulação de palavras. “O *logos* é fonema *e*, na verdade, articulação verbal em que, sempre, algo é visualizado” (Ibidem, p. 63).

O discurso faz e deixa ver qualquer coisa na sua correlação com qualquer coisa. É a partir do deixar e fazer ver que se determina, na obra “Ser e tempo”, o verdadeiro e o

²⁹ Ibidem, p. 62.

falso. Isso significa que, para o filósofo alemão, a verdade não é um acordo ou adequação, mas desvelamento. O ser verdadeiro então é aquele que se expõe à luz, pode ser visto e, por conseguinte, dito pelo *logos*. Assim, o ser falso significa ser deixado na sombra, velado, impossível de ver.

E, novamente, porque o *logos* é um deixar e fazer ver, por isso é que pode ser verdadeiro ou falso. Tudo depende de se libertar de um conceito construído de verdade, no sentido de “concordância”. A ideia de concordância não é, de forma alguma, a ideia primária no conceito de aléteia³⁰. O “ser verdadeiro” do *logos* enquanto verdade diz: retirar de seu velamento o ente sobre que se discorre no discurso como *apophainestai* e deixar e fazer ver o ente como algo desvelado, em suma descobrir. Do mesmo modo o “ser falso” diz enganar no sentido de en-cobrir: colocar uma coisa na frente de outra (deixar e fazer ver) e assim propô-la como algo que não é.³¹

Heidegger rompe com o conceito de verdade³² da tradição metafísica, verdade como acordo entre sujeito e objeto. Verdade para Heidegger é desvelamento. Diz Pasqua:

Ao definir a verdade como desvelamento e não como acordo entre o sujeito e um objeto ou uma conformidade do pensamento consigo próprio, Heidegger distancia-se da filosofia da consciência. A verdade não é uma construção, uma representação, mas a apresentação das coisas. Fundamentando a verdade do ser, “Ser e tempo”, opera, assim, uma verdadeira revolução copernicana.³³

Com as interpretações dos dois termos, fenômeno como sendo tudo que se mostra ou se revela e *logos* como o dizer sobre o que se mostra, deixando e fazendo ver o que se mostra, a fenomenologia, então, tem a função de provocar o fenômeno a mostrar-se em si mesmo, dando-se a interpretação através do discurso. Heidegger então formula o conceito de fenomenologia como “deixar e fazer ver a partir de si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo”. E isto nada mais é do que *voltar às coisas elas mesmas*.

Considerações finais

A temática tratada neste artigo realiza uma espécie de constatação do caráter inovador da filosofia de Heidegger, a partir da exploração da concepção heideggeriana dos termos que compõem a palavra fenomenologia: fenômeno e *logos*. Convém destacar que se trata de um recorte, na medida em que nos limitamos a explicitar o sentido revelador que o termo fenomenologia agrega. No entanto, neste pequeno recorte, é possível compreender a distância que se opera entre o pensamento de Heidegger e o da tradição filosófica.

³⁰ Aléteia, termo que vem do grego ἀλήθεια (*aletheia*), que significa “verdade”, não no sentido de dogma, mas no sentido de desvelamento, descoberta da realidade.

³¹ HEIDEGGER, 1988, p. 63.

³² Embora nosso tema não seja o conceito de verdade em Heidegger, o objetivo aqui é mostrar como esse tema, “verdade em Heidegger”, guarda uma intrínseca relação com o tema da fenomenologia, na medida em que a fenomenologia heideggeriana se ocupa com o mostrar-se do fenômeno em si mesmo, isto é, na sua verdade.

³³ PASQUA, 1993, p. 28.

Pode se ver, na exposição do texto, que em momento algum os termos sujeito e objeto, com suas acepções, foram requisitados como fundamento para explicar o sentido de fenomenologia e dos termos que a compõem. Embora não tenhamos nos estendido para além do que nos propomos a tratar, cabe enfatizar que a fenomenologia de Heidegger apresenta como ponto alto a suspensão do maior pressuposto conferido à filosofia desde a Modernidade: a presunção do ser humano como sujeito do conhecimento e do ente como objeto representado.

Heidegger se opôs ao modelo tradicional de filosofia, que pensa a origem do conhecimento na relação da consciência com algo que lhe é externo. Ele questionou o pressuposto de consciência pré-existente, definida e capaz de estabelecer uma relação com objetos dados num mundo já pronto. Ou seja, o filósofo se opôs à idéia de se fazer filosofia pressupondo um mundo em que tudo já está pronto.

Segundo o filósofo, para se conhecer as coisas em sua autenticidade, é necessário voltar às coisas elas mesmas. E isto é fenomenologia. Em “Ser e tempo”, afirma que só é possível a filosofia cumprir a sua tarefa pela via fenomenológica, sob pena da filosofia continuar a repetir o mesmo equívoco da tradição: tomar o ser pelo ente e determinar o fenômeno a partir da aparência, da manifestação e da anunciação que demarcam o âmbito da entificação do fenômeno.

Embora seus estudos filosóficos tenham se iniciado na escola fenomenológica de Husserl, fortemente influenciada pela tradição metafísica cartesiana, Heidegger rompe com tudo isso em nome de um fazer filosófico que pudesse revelar o mundo verdadeiramente (STEIN, 2014, p. 31).

Sem que tenhamos entrado no mérito do método e da hermenêutica que explicam e aprofundam conceitualmente a fenomenologia de Heidegger, o recorte discursivo acerca dos termos logos e fenômeno dá a dimensão do significado da incursão heideggeriana na questão da fenomenologia. O distanciamento de Heidegger da tradição filosófica, sobretudo da Modernidade, é amplamente apresentado pelos pesquisadores e historiadores da filosofia. O que vimos no desenvolvimento do texto, ao tratar do sentido que o termo fenomenologia comunica, provou um consenso de interpretação quando se trata de fazer referência à fenomenologia heideggeriana.

Stein (2014, p. 10), enfaticamente, confirma nosso entendimento ao afirmar que, a partir da década de 1920, a questão do método fenomenológico em Heidegger tem início, tendo como base os estudos da filosofia grega (principalmente, Aristóteles e Platão), do pensamento medieval e dos principais filósofos da modernidade, à luz da fenomenologia – estudos que, progressivamente, com sua ocupação com a história da filosofia, adquiriram contornos próprios e cada vez mais distanciados de Husserl. O filósofo abandona a ideia da consciência pura e a relação sujeito-objeto. Essas mudanças que Heidegger assume marcam o distanciamento da escola fenomenológica de Husserl. (Ibidem, p. 11).

Convém apresentar sucintamente o fechamento conclusivo de Stein sobre o que significou a concepção fenomenológica na filosofia de Heidegger. Ele concebe três momentos estruturais da fenomenologia heideggeriana: a redução fenomenológica, a construção fenomenológica e a destruição. A redução é descrita como a “recondução do olhar do ente para o ser”. É através dela que Heidegger introduz a distinção entre ser e ente, ôntico e ontológico, fenômeno no sentido derivado e fenômeno no sentido fenomenológico. A construção fenomenológica pretende a condução “positiva ao próprio ser”, ou ainda projetar o ente previamente dado em direção do ser e suas estruturas. Esta seria sua ontologia propriamente dita. A construção se refere a um novo conceito de ser, uma ontologia fenomenológica, como precisa Stein. Por último, a destruição como “demolição crítica dos conceitos tradicionais”, que teriam que ser utilizados na própria operação, para descobrir-lhes as raízes, as fontes e as distorções. “Só através da destruição a ontologia pode garantir-se fenomenologicamente a autenticidade plena de seus conceitos” (Ibidem, p. 50).

O método fenomenológico leva o fenômeno a se mostrar em autenticidade, em si mesmo. Este é o mostrar do fenômeno que Heidegger empreende na obra “Ser e tempo”, pois, quando o fenômeno se mostra em autenticidade, ele revela o ser. Assim, em Heidegger se estabelece a relação de necessidade entre a filosofia e a fenomenologia, em que fenomenologia, para Heidegger, fornece as condições para que a filosofia cumpra sua tarefa. Ou seja, para Heidegger, só é possível fazer filosofia pela via fenomenológica.

A fenomenologia deve oportunizar, nas palavras do próprio Heidegger, uma “destruição” da velha ontologia. Esta destruição tem um significado distinto do senso comum, conforme ressalta Silva (2016), pois “essa destruição não tem o sentido negativo; em vez disso, expressa a tarefa de remoção dos entulhos acumulados na história da ontologia, com o propósito de definir e circunscrever a tradição em suas possibilidades positivas”.

Por fim, nos parece evidente que as poucas páginas que Heidegger dedica em “Ser e tempo” para falar sobre a fenomenologia, ou seja, sobre o método empregado na pesquisa, é inversamente proporcional à importância do tema para a compreensão do processo de elaboração de “Ser e tempo”, e por que não dizer, na elaboração do pensamento de Heidegger.

Referências

ARISTÓTELES, **Metafísica** I, II, III. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo. Edições Loyola, 2002.

AQUILES, Newton Von Zuben. A fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. In: **Revista Transformação**. V. 34, n. 2, pp. 85-102, out 2011.

BARBOSA, Alexandre G. **A ontologia fundamental heideggeriana em 'Ser e tempo'**. Dissertação (mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo. Educ: Brasiliense FERRATER, 2006.

FEIJOO, Ana Maria L. C., MATTAR, Cristine M. Fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**. Dez, v. 30, nº 4, pp. 441-447, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do Ser e tempo de Martin Heidegger**. Tradução de Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre "Ser e tempo"** (Martin Heidegger). Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Flávio O. Da indicação dos problemas da metafísica para a metafísica como problema: uma discussão heideggeriana. In: **Revista Natureza Humana**. V. 18, n. 2, pp. 160-187, jul/dez 2016.